

VIAGEM (LINGUÍSTICA, LITERÁRIA E CULTURAL) EM TORNO DAS EXPRESSÕES “MATAN” E “OLHO”

VIAJEN (LINGUÍSTIKA, LITERÁRIA NO KULTURÁL) HADULAS IHA ESPRESAUN SIRA “MATAN” NO “OLHO”

JOURNEY (LINGUISTICS, LITERARY AND CULTURAL) AROUND THE EXPRESSIONS “MATAN” AND “EYE”

Benvinda Lemos da Rosa Oliveira*

Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise linguística da expressão *matan* – “olho” é um termo encontrado em alguns textos literários, demonstra-se como esse órgão é conceptualizado metaforicamente em línguas e culturas diferentes, sobretudo na timorense e na portuguesa. Para a fundamentação da pesquisa, alguns estudiosos foram consultados, entre os quais se destacam: Lakoff, G & Johnson, M. (1979); Chevalier, F & Cheerbrant, A. (1982); Dubois *et al.* (2006) e Vilela, M. (2002). “Olho” é universalmente símbolo da percepção, além disso, se revela como fonte de luz, de conhecimento e de fecundidade, pois os olhos são provavelmente a feição mais importante do rosto. Os resultados deste estudo demonstram que as expressões metafóricas em torno do *matan-olho*, podem variar nas duas culturas em estudo: a timorense e a portuguesa, além disso, tal expressão não permite uma tradução, porque nem todas as expressões têm o mesmo valor de sentido na língua de chegada.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões metafóricas. Olho-matan. Linguística. Literatura. Cultura.

REZUMU: Artigu ida-ne'e apresenta análise linguística espresaun matan nian – *olho* no termu ida-ne'e ita heten iha testu sira literáriu balu, hatudu halonu'usá orgaun ne'e konseptualiza metaforikamente iha dalen no kultura sira oin-oin, liu-liu iha kultura timorense no portugeza. Ba fundamentasaun peskiza, ami konsulta tiha matenek balu sira, ne'ebé sei destaka: Lakoff, G & Johnson, M. (1979); Chevalier, J. & Cheerbrant, A. (1982); Dubois *et*

* Licenciada em Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas na Universidade Nacional Timor Lorosa'e em 2005. Pós-Graduação: Especialista em ensino de Língua Portuguesa em 2007, CAPES na UNTL. Mestre em Avaliação em Educação, na UNTL em parceria com a Universidade do Minho, em 2011. Pós-Graduação em Língua e Linguística Portuguesa, na UNTL em parceria com a Universidade de Coimbra. Doutoranda em Letras - Universidade Mackenzie em parceria com a UNTL, 2022-2025. Professora efectiva na UNTL. E-mail: romanlua@yahoo.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0483-062X>

al. (2006) e Vilela, M. (2002). “Matan” sai nu’udar símbolu universál persepsaun nian, no mós, hatudu nu’udar fonte naroman nian, koñesimentu nian no fekundidade nian, tanba matan provavelmente nu’udar trasu oin nian ne’ebé importante liu. Rezultadu hosi estudu ida-ne’e nian, hatudu katak, espresaun sira metafórika ne’ebé hadulas iha matan-*olho*, bele varia iha kultura rua, iha estudu ida-ne’e, timorensen no portugeza, no mós, espresaun ida-ne’e la permite halo tradusaun, tanba espresaun hotu-hotu la iha valór sentidu nian mak hanesan iha dalen ne’ebé ita tradús bá.

LIAFUAN-XAVE: Espresaun metafórika. Olho-matan. Linguístika. Literatura. Kultura.

ABSTRACT: This paper presents a linguistic analysis of the expression *matan* - it means “eye” (olho) in the Tetum language and this term is found in some literary texts, demonstrating how this organ is conceptualized metaphorically in different languages and cultures, especially in Timorese and Portuguese. To support this research, some scholars were consulted, including Lakoff, G. & Johnson, M. (1979); Chevalier, F & Cheerbrant, A. (1982); Dubois et al. (2006) and Vilela, M. (2002). The “eye” is universally a symbol of perception and a source of light, knowledge, and fruitfulness, as the eyes are probably the most important feature of the face. The results of this study show that the metaphorical expressions surrounding the *matan-olho* can vary in the two cultures under study: Timorese and Portuguese. Furthermore, this expression does not allow for a literal translation, because not all expressions have the same meaning value in the target language.

KEYWORDS: Metaphorical expressions. Eye-matan. Linguistics. Literature. Culture.

1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Os olhos sempre denunciam o que o coração tenta esconder (Bob Marley)

Matan é uma palavra da língua tétum que significa *olho* em português. Essa palavra, quer em tétum quer em português, pode ser arrastada para os mais diversos sentidos, conforme os aspectos culturais de cada comunidade linguística.

O tétum e o português são línguas oficiais de Timor-Leste desde que o país obteve a sua independência em 20 de maio de 2002, por isso, se faz a comparação entre essas línguas. Além disso, a escolha deste tema é motivada pela experiência como autora do *Disonáriu Espresaun Popular Dalen Tétun nian* (Dicionário de Expressões Populares do Tétum) em que “matan” é usado em sessenta e três contextos, com diferentes valores metafóricos. No *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, de autoria de Guilherme A. Simões, identificamos sessenta e cinco entradas diferentes do mesmo vocábulo.

Segundo o Dicionário de Academia de Ciência de Lisboa, a palavra *olho* é uma palavra masculina, de origem latina (*ocūlus*) que significa “cada um dos dois órgãos de visão, de forma

globular, situados nas órbitas do homem e de inúmeros animais, isto é, tem o mesmo sentido da palavra “vista”. Nessa entrada, registra-se mais de 90 expressões idiomáticas em torno desse léxico.

Matan, conforme o que está registrado no *Disionáriu Nasionál ba Tetun Ofisiál*, (Dicionário Nacional do Tétum Oficial), é um substantivo. Para essa entrada, o referido dicionário apresenta dois significados:

1. *Ida hosi organ rua iba ulun ne'ebé ema no balada uza atu hodi haree.*

(tradução: cada um dos dois órgãos de visão, situados na *face* que são usados por seres humanos e animais).

2. *Taban ida ne'ebé serve hodi taka sasán hanesan sanan, termu, botir, kaixa nst.* (tradução: tampo ou tampa que serve para cobrir/tapar ou enroscar: painéis, termo, garrafas, caixas etc.)

O segundo significado remete para a polissemia da palavra, em que o *matan* significa “tampa” de qualquer objecto, por exemplo: *sanan-matan* – “tampa da panela” - *botir-matan* – “tampa/rolha da garrafa” etc. Pode estar associado ao “lugar” ou “buraco”, exemplos: *abi-matan* (tradução literal: *lume-olho*) “lareira tradicional”, constituída por três pedras para colocar painéis ou tachos; *odan-matan* (tradução literal: *escada-olho*) que significa “porta”. Para Taveira (2016, p. 6), o sentido está “associado a uma forma circular”. Essa palavra significa também “fonte” ou “origem”, por exemplo “*bee-matan*” (tradução literal: *água-olho*, que corresponde à “nascente, poço”).

A polissemia é um fenómeno linguístico comum a todas as línguas, pois através desta podemos dispor de um número reduzido de significantes e com eles, obter muitos significados. Vimos o exemplo da palavra *olho*, que em tétum é *matan*, pode adquirir o valor polissémico de: *olho*, *abertura*, *tampa* ou *tampo*.

Para Dubois et al. (1978, p. 471), a polissemia é designada como uma “propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos. A unidade linguística é considerada, então polissémica.” Os autores realçam que o conceito de polissemia “se insere em um sistema duplo de oposições: a oposição entre polissemia e homonímia, e a oposição entre polissemia e monossémia”. Chaves (2013, p. 192), designa polissemia como uma “associação de uma forma lexical única a sentidos diferentes que mantêm entre si alguma relação.” O autor destaca que há “dois tipos de polissemia, a polissemia regular e a irregular”. Na polissemia regular, diz o autor, que:

todas as palavras pertencentes a uma determinada classe semântica exibem o mesmo padrão polissémico. Um exemplo é o das palavras que remetem para uma obra escrita (carta, diário, dicionário, jornal, livro de código,

livrete, manual, panfleto, relatório, revista etc.), que exibem exatamente a mesma dualidade de sentidos da palavra *livro*. (Chaves, 2013, p. 192)

Relativamente à polissemia regular, “não existe qualquer padrão polissémico partilhado pelas palavras da mesma classe semântica. Por este motivo, as palavras e os seus sentidos têm de ser aprendidos um a um, não podendo ser inferidos a partir da classe semântica” (Chaves, 2013, p. 193). Para fortificar, o autor apresenta como exemplo a palavra *coração* que pode ter “um sentido biológico, quando designa um órgão muscular, e um sentido emocional, quando designa metaforicamente a sede de algumas emoções”.

Foi identificado no referido dicionário do tétum oficial, vinte entradas em que consta a palavra *matan* com diversos valores semânticos e metafóricos. Sabemos que no domínio da semântica, uma palavra pode adquirir diversos significados. Nessa perspetiva, Vilela (2002, p. 49) destaca que a “semântica do significado pode em princípio detetar as motivações polissémicas encontráveis numa língua história.” Na perspetiva de Duarte (2000, p. 291), a semântica “ocupa-se da interpretação, gramaticalmente condicionada, das expressões linguísticas”. Vejamos o significado da expressão “olho”, apresentado no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, de Academia de Ciência de Lisboa, *olho* – (anat.) Cada um dos dois órgãos de visão, de forma globular, situados nas órbitas do homem e de inúmeros animais = *vista*. Essa mesma expressão “*olho*”, ao empregarmos em outros contextos, por exemplo, “*olho vivo*”, ganha um valor metafórico de “agudeza de espírito, esperteza e atenção”. Nessa conjetura, estamos perante a uma “semântica da metáfora”, como afirma Vilela (2002, p. 65)”, “a metáfora tem o seu foco numa palavra ou numa frase, mas o seu enquadramento (=frame) situa-se na semântica.” Acresce que a

‘teoria da substituição’ relativa à metáfora com base na ‘semelhança’ ou na ‘analogia’ das respetivas designações, como se dissesse uma coisa e se pensasse outra, equivale a dizer que o leitor ou ouvinte, ao interpretar a metáfora, faria o mesmo jogo como se estivesse a resolver um ‘enigma’ ou uma ‘charada’. (Vilela, 2002, p. 65)

Na próxima seção, apresentamos o valor simbólico dos “olhos” em algumas culturas pelo mundo, enfatizando a timorense.

2 VALOR SIMBÓLICO DOS *OLHOS* EM DIFERENTES CULTURAS

Antes de focarmos no valor simbólico dos *olhos*, detemos primeiro sobre a designação de “símbolo” que na perspectiva de Chevalier et al. (1982, p.12) é diferente de “signo”. Signo “por ser uma convenção arbitrária que deixa estranhos entre si o significante e o significado (objeto ou sujeito), enquanto “símbolo” pressupõe homogeneidade do significante e do significado no sentido de um dinamismo organizador”. Um símbolo, segundo Dubois *et al.*

(2006, p. 549), “é a notação de uma relação – constante numa cultura dada – entre dois elementos. [...] O símbolo procede através do estabelecimento de uma convenção (a balança como símbolo da justiça)”. Face ao exposto, “a balança como símbolo da justiça, F. Saussure observa 'um rudimento de laço natural entre o significante e o significado', portanto um resíduo do processo icônico ou indicial”, (Dubois et al., 2006, p. 549),

Chevalier et al. (1982, p.12) salientam que símbolo

é, pois, muito mais do que um simples signo: transporta para lá da significação, depende da interpretação e, esta, de uma certa predisposição. Está carregado de afetividade e de dinamismo. Não só mostra de uma certa maneira, mesmo quando dissimula, como realiza, também de uma certa maneira, quando desfaz. Joga com as estruturas mentais.

Vamos verificar, nesse trabalho, a simbologia de “olhos”, *matan* em diferentes culturas, principalmente a timorense e a portuguesa.

Olho é considerado “universalmente o símbolo da percepção intelectual”. Na tradição islâmica, o termo *ayn*, que significa *olho*, pode designar “uma entidade particular, uma fonte, ou uma ciência”, Chevalier et al. (1982, p.485). No nosso modesto entender, olho é um símbolo da percepção, entendido como o elo entre o mundo exterior e interior. Na cultura timorense, entende que o “olho” é capaz de libertar energias negativas e positivas, por exemplo, através da expressão “*matan-dook*”, literalmente “olho-longe”, que significa “curandeiro” ou “feiticeiro” pode representar bem essa ideia de libertar as energias negativas e positivas.

Em todas as tradições (i) egípcias, por exemplo, como salientam os autores, “*olho* revela-se como sendo de natureza solar e ígnea, fonte da luz, de conhecimento e de fecundidade.” Por outro lado, dizem os autores que “olho” é um equivalente simbólico do *sol*; no (ii) irlandês sul, “*olho*”, corresponde ao nome britânico *sol*. Em (iii) galês, o *sol* é chamado, por metáfora “*olho* do dia.” Essa designação atribuída ao *sol* pelos galeses tem a mesma interpretação no tétum-praça, pois os falantes dessa língua, designam o *sol* por *loromatan*, traduzindo literalmente “dia olho”.

Nas tradições (iv) timorenses, a importância dada ao *olho*, que é “*matan*” é confirmada pelas cerimônias tradicionais que são efetuadas (dependendo de cada cultura) após o nascimento do bebé, a partir de uma semana, alguns a partir de 3 dias, em que se realiza a cerimónia de “fase-matan” (tradução literal: *lavar olhos*) do/a bebé. Segundo as crenças de algumas culturas, lavando os *olhos* do/a bebé, para que este/a possa adquirir uma visão nítida. Além disso, não só os “olhos” do/a bebé são lavados, mas dos pais e dos familiares presentes no dia do nascimento da criança. Segundo as crenças, os “olhos” das pessoas que assistiram ao parto devem ser lavados para que mais tarde não sofram de problema na visão.

Esta é uma cerimónia simples, como podemos observar nas imagens, a seguir, feitas uma semana após o nascimento do bebé.

Imagem 1: A mãe da bebé (Deandra) preparando betel e anel (à esquerda); e os pais estão a lavar os olhos da bebé, mergulhando o numa terrina com água (à direita).



Fonte: arquivo pessoal de Vanessa Oliveira¹.

A expressão “olho”, na tradição timorense, é usada em vários contextos, além do que foi exposta acima. É também usada quando se designa alguns fenómenos da natureza: “*loro-matan monu*” (tradução literal: *sol olho cair* = [o *olho* do sol cai] /o pôr do sol) versus “*loro-matan sa'e*” (tradução literal: *sol olho subir* = [o *olho* do sol sobe] /nascido do sol). A expressão “*matan-dook*” (tradução literal: *olho-longe*), pode ter valor semântico de *curandeiro*, *adivinho* ou *feiticeiro*. Curandeiro, segundo Costa (2000, p. 244), é aquele que “é conhecedor de muitas plantas medicinais.” Feiticeiro ou “*buan*” (em tétum) é aquele que “denuncia ou confirma a acusação que fazem do *buan*, depois de consultar as vísceras de animais”.

3 ANÁLISE DA ACEPÇÃO *OLHO* E *MATAN*: EM TORNO DA LITERATURA

As obras poéticas e os discursos literários “estão abertos a múltiplas significações, e são essencialmente polissémicos” (Marques, *s.d.* p. 19). Continuando, a autora esclarece que a mensagem literária desenvolve um sistema peculiar no qual os diversos elementos tomam a sua significação e o seu valor a partir das relações que mantêm entre si. Para além dos referentes conceptuais comuns ao autor e aos leitores, a obra cria o seu próprio sistema de

¹ Que gentilmente cedeu as fotografias à autora deste trabalho para análise.

referentes textuais, e, assim, emerge uma obra “única” e autossuficiente” (Marques, *s.d.* p. 19).

Em seguida, destacam-se algumas passagens de obras literárias sobre “olho”. Detêm-se, primeiramente, no conto de *Conceição Evaristo* intitulado “Olhos d’água”. Nele, uma filha tenta desesperadamente descobrir a cor dos *olhos* da sua mãe e faz uma pergunta de retórica:

(...). E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada **os olhos** da minha mãe, sabem o que **vi**? Sabem o que **vi**?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas **lágrimas**, que eu me perguntei se minha mãe tinha **olhos** ou rios caudalosos sobre a **face**. E só então compreendi. Minha mãe trazia serenamente em si, **águas** correntezas. Por isso, **prantos** e **prantos** a enfeitar o seu **rosto**. A cor dos **olhos** de minha mãe era cor de **olhos d’água** [ênfase adicionada]. (Evaristo, 2018, p.18)

Nestes dois parágrafos, “os olhos” podem transmitir tristezas ou alegrias (*lágrimas, prantos*) e estão ligados com outras partes do corpo (*face, rosto*). Não ignoramos que através da *face* ou *rosto* se inscrevem os sentimentos e pensamentos, pois ela (a face) denuncia o estado de espírito. As lágrimas simbolizam dores ou tristezas, mas podem ser testemunhas de alegrias.

Em *Os Maias*, Eça de Queirós personifica as lágrimas ao descrever o estado de espírito em que se encontrava Maria Eduarda: “uma *lágrima tremeu* nos **olhos** pisados de Maria. Ela não conhecia o Sr. Afonso de Maia, nem sequer o *vira* nunca. Mas *sofria* realmente por sentir bem o *sofrimento* de Carlos...” [ênfase adicionada] (Queirós, 2000, p.385). O sofrimento do Carlos estava ligado com a morte do avô, Afonso Maia, e este faleceu por ter descoberto que ambos os netos (Carlos e Maria) eram irmãos. Identificamos, mais uma vez, que as *lágrimas* remetem mais para tristeza, ligadas ao *sofrimento*. Maria Eduarda, em sua inocência, não sabia que Sr. Afonso Maia era também seu avô.

Além de valores estéticos, “olho” gera outros vocábulos, associados aos valores semânticos tais como: *olhar, ver, contemplar, lágrimas, face, rosto, visão, vista*. Os valores estéticos e semânticos em torno de “olho” ocorrem também à volta do “matan” como se pode comprovar no poema de autoria de Sofia Timorense (2022 p. 28), intitulado: *Mehi-fatin* (Tradução literal: Lugar de utopias):

(...)

Labarik-mane klosan ida... (Um jovem...)

Fibir *buat ruma iba dook...* (**Observa** algo distante...)

Iba nia hanoin be klean! (No interior dos seus pensamentos!)

Ho hateken mamuk... (Com **o olhar** vago...)

Nia busu... (pergunta...)
 (...) [ênfase adicionada].

Fibir, *hateke* ou *haree* são sinónimos de “*olhar, observar, ver...*”. No quarto verso, temos uma conversão, o verbo *olhar* transformou-se em substantivo (*o olhar*) e o verbo *hateke* também alterou a classe gramatical de verbo para substantivo, recorrendo ao sufixo “n”.

Olhar alonga-se também para as músicas. As letras da música conhecida em Timor-Leste como, por exemplo, “No dia em que eu saí da casa”, de Zezé di Camargo e Luciano, cantores brasileiros, em que nos versos:

(...) passou a mão em meus cabelos e **olhou** nos **meus olhos**, começou a falar. (...)
 E **o olhar** que a minha mãe da porta eu deixei **chorando** a me **abençoar**. [ênfase adicionada].

Na letra, *olhar* pode transmitir uma “bênção”, mas em outros contextos, pode estar associado às coisas positivas e negativas. É o que vamos ver nos versos “Olhos Timorenses”, no qual os valores ocultos nesses *olhares*, na hora em que foi produzido o poema. O poema foi escrito pelo autor timorense Afonso Busa Metan (1996) – um pseudónimo - em um autocarro em Lisboa no dia 7 de abril de 1994, cinco anos antes da Consulta Popular de Timor-Leste, ocorrida no ano de 1999. Pela data, mesmo sem ter lido antes, podemos imaginar o que “*olhos timorenses*” queriam revelar.

Olhos Timorenses

Neles a mágoa
 a saudade
 a tristeza

Neles a força
 a revolta
 a firmeza

Neles uma chama
 Neles beleza
 Neles uma lágrima
 e um grito mudo

Neles meia ilha
 e um mundo
 Eles teus **olhos**
 Timorenses

Afonso Busa Metan [Kaibauk no20/21 (duplo), de

Julho/outubro de 1996] [ênfase adicionada].

Nesse poema, “*olhos*” transmitem o que a boca silenciava naquela altura. Em uma era em que os timorenses falavam menos, mas lutavam mais pela conquista da liberdade adquirida. Como alguns dizem: “*os olhos são o espelho da alma...*” ou, como está na epígrafe “*os olhos sempre denunciam o que o coração tenta esconder*”. É o que se verifica em cada estrofe desse poema. O sujeito poético recorre-se à anáfora para dar mais expressividade ao poema. Em vez de empregar o substantivo “*olho*”, recorre ao pronome pessoal (contração com preposição *em* [nele]) para acentuar mais o estado psicológico dos timorenses. Contidos naqueles “*olhos*” que tentavam denunciar as situações melindrosas daquela época. Além disso, o uso do artigo definido “a” no primeiro e no segundo terceto salienta o carácter determinado do povo timorense, “neles” (*nos olhos, havia*) – a força, a revolta e a firmeza.

Em seguida, apresentamos o poema, do autor português Almeida Garrett (n.d), que tem como base “*olhos*”:

Seus olhos

Seus **olhos** – seu eu quiser pintar
 O que os meus **olhos** cegou –
 Não tinham luz de brilhar,
 Era chama de queimar;
 E o fogo que a ateou
 Vivaz, eterno, divino,
 Como facho do Destino.
 (...) [ênfase adicionada].
 Garrett – Folhas Caídas

“Olhos” podem transmitir diversos sentimentos e nesse poema, o sujeito poético tenta perceber a intensidade que aqueles “olhos” podiam ter. Consegue, em princípio, “cegar” o sujeito poético, mas não foi uma cegueira normal, foi não *ver* mais nada senão aqueles “seus olhos”, que pelo sentido do poema deve ser “os olhos” de uma mulher.

Registra-se alguns valores metafóricos em torno do “matan” e do “olho”. Para tal, recorre-se ao *Disionáriu Espresaun Populár Dalen Tétun nian*, de Oliveira (2020), e o Dicionário de Expressão Popular do Português, de Simões (2000), entre outros.

Apresentamos o conceito de “metáfora”, uma vez que há os valores metafóricos na palavra em análise. A metáfora, segundo Vilela (2002):

não é apenas nem sobretudo um produto de imaginação poética ou ornato teórico, assim como não é um simples uso extraordinário da língua ou algo apenas ligado a palavras.” E quando se fala em “idiomatismo, pretende-se indicar uma construção própria da língua. Sem qualquer correspondência sintática noutra língua”. (Vilela, 2002, p. 173)

Não é possível traduzir uma expressão de uma língua para outra, pois não há nenhuma correspondência na língua de chegada. A expressão idiomática do tétum “**matan-dukur**” - tradução literal “**olhos-dormir**”, corresponde ao valor metafórico de “incipiente” ou “que não se apercebe de algo”.

Em português se diz “olhar para a sombra”. Se formos traduzir para o tétum - “hateke ba lalatak” - não tem essa correspondência na língua de partida, pois em português significa “começar a namoriscar”. Servimos da metáfora como ferramenta para compreender e experienciar uma coisa em termos de outro, o que significa “a maior parte de nossas evidências provêm da linguagem – dos significados das palavras e frases, e da forma em que os humanos dão sentido as suas experiências” (Lakoff e Johnson, 1979 como citado em Thurow, 2014, p. 26).

Na comunicação diária, sem que percebamos, utilizamos várias expressões com designações de órgãos ou partes do corpo humano. Por exemplo: *matan-lais* (**olho rápido**) que significa, consegue captar à primeira vista; *matan-been toos versus matan-been mamar* (**olho-água duro/lágrima dura versus olho-água mole**). A primeira expressão é destinada às pessoas que “não são sensíveis” e a segunda é oposta da primeira. Essas expressões não podem ser compreendidas senão metaforicamente.

Listamos algumas expressões idiomáticas do tétum e do português retiradas nos dois referidos dicionários,

a. Em tétum:

1. *Matan boot liu kabun*- (literalmente: olho grande mais barriga/olhos maiores do que a barriga [ter mais olhos que barriga]);
2. *Matan-foun* - (literalmente: olho novo - [recém-chegado]);
3. *Matan-monu* - (literalmente: olho cair – [apaixonar-se ou gostar de...]);
4. *Matan-feto* - (literalmente: olho mulher – [aquele que cobiça/que gosta de todas as mulheres ou meninas que vê]);
5. *Matan-fuik* - (literalmente: olho selvagem – [que é um bom observador/percepção fácil] ou pode ter um valor negativo, dependendo do contexto [inexperiente, que não está habituado a algo]);
6. *Matan-tomak* - (literalmente: olho inteiro [ignorante]);
7. *Matan la haree, fuan sei la tanis*, [Olhos que não vêem, coração não chora];
8. *Matan-moris* - (literalmente: (olho viver /olho vivo – [que está atento, vigilante] ou pode remeter para um sentido negativo – [pessoa garrida];
9. *Tau-matan ba* - (literalmente: pôr olhos para [cuidar de ou dar atenção a];

10. *Fase-matan!* - (literalmente: lavar olhos [expressão usada para repreender alguém, tem o mesmo significado de “bem-feito!”];

b. Em português:

1. **Olho** alerta, [estar com atenção; vigilante] corresponde a uma expressão do tétum “*matan-moris*”;
2. **Olho** por **olho**, dente por dente, [vingança correspondente à ofensa ou dano];
3. **Olhos** que te viram, [fugir; desaparecer] corresponde a uma expressão do tétum “*matan-fulun naruk*”;
4. **Olhos** nos **olhos**, [diz-se quando os namorados se olham embevecidos; como se olha dois adversários ao chegarem a vias de facto]. Este último valor metafórico também ocorre numa expressão do tétum “*matan ho matan hasoru-malu*”
5. Deitar poeira nos **olhos**, [pretender enganar], também se verifica no tétum – “*soe-rai-rahun ba matan*”;
6. Saltar aos **olhos**. [ser evidente; de fácil compreensão], corresponde em tétum “*haree-borus*”;
7. **Olho** de cabra morta, (Brasil) *o.m.q.* **olho** de carneiro mal morto, [olhar mortiço inexpressivo; olhar amoroso lânguido, baboso que chega a ser ridículo];
8. De **olhos** fechados, [sem precisar de grande reflexão ou esforço; com total confiança], corresponde a expressão do tétum “*taka-matan*”;
9. Chorar por um **olho** azeite e por outro vinagre, [lamentar a desgraça alheia sem realmente a sentir];
10. Dormir com um **olho** aberto e o outro fechado, [fingir que dorme; acordar muitas vezes]

Tanto em português como em tétum, há a possibilidade de criar termos e expressões que veiculam um sentido metafórico. Expressões como “*Matan-mihis*”¹, “*haree-borus*”², “*haree-malu matan lamoos*”³, “*hateke-lahetan*”⁴, “*hateke-marmaran*”⁵. Dentre tantas outras expressões, incorporam-se no léxico do tétum-praça essas expressões, cristalizando uma forma-significado enquanto identidades culturais timorenses. O corpo humano é um centro de expansão metafórica produtivo. Além dos *olhos*, são vários os termos das partes do corpo humano que desenvolvem sentidos metafóricos (mais ou menos) lexicalizados. Por exemplo: *liman-naruk*, literalmente: *braço* ou *mão comprida*, quer dizer *gatuno*; *ulun-toos*, literalmente: *cabeça dura* - significa *cabeçudo/a*.

Corpo humano, diz Kövecses (citado por Taveira, 2016, p.2), desempenha “um papel chave na emergência do significado metafórico não apenas em inglês e outras línguas ‘ocidentais’ como (...) em línguas e culturas de todo o mundo”.

Essa afirmação abrange os conhecimentos prévios sobre o que é metáfora, constatando sua influência nos processos linguísticos e cognitivos do ser humano. A metáfora faz parte da

vida diária, não apenas na linguagem, como no pensamento e acção. Existem, por exemplo, inúmeras expressões ligadas ao corpo humano, por exemplo em tétum, “haree matan la moos” tradução literal “ver olhos não límpidos”, “matan kroat”, literalmente significa “olhos afiados” que não podem ser compreendidas senão metaforicamente. Verificamos que o corpo humano surge como um domínio fonte universal que se projeta conceptualmente em domínios mais abstratos. Nos dois exemplos acima apresentados, verificamos que “matan” – “olhos” constitui como o domínio fonte, baseada na experiência e nas interações do corpo com o mundo, e os adjetivos abstratos “moos” (límpidos), e “kroat” (afiados) como domínio alvo, um domínio subjetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essas citações, damos por terminada essa nossa análise através do *matan/olho*. Como forma de conclusão, destacamos que diferentes culturas e línguas apresentam diferentes conceptualizações ligadas ao *matan/olho*. Na cultura timorense, “fase-**matan**” é uma cerimónia cultural realizada nos tempos primordiais e até contemporaneamente. Algumas famílias ainda mantêm esse costume. O valor adquirido pela expressão “matan” pode ser positivo ou negativo, dependendo do contexto em que é usada. Assim, estamos diante de uma metáfora orientacional (Lakoff & Johnson, 1979, p. 60). As orientações metafóricas não são arbitrárias, mas têm base em nossa experiência física e cultural, variável de uma cultura para outra.

REFERÊNCIAS

- Chaves, R. (2013). Organização do Léxico. In Raposo et al. *Gramática do Português*. Vol. I. Fundação Calouste Gulbenkian. Universidade de Coimbra.
- Chevalier, J. & Cheerbrant, A. (1982). *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema, LDA. Lisboa.
- Correia A. J. G. et al. (2005). *Dicionário Nacional ba Tetun Ofisiál*. INL. Gáficó Diocesana de Baucau. Díli, Timor-Leste.
- Costa, L. (2000). *Dicionário de Tétum-Português*. Edições Colibri. Lisboa.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. (2001). Academia das Ciências de Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. I e II. Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de análise*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Evaristo, C. (2018). *Olhos de Água*. Pallas Mini. Rio de Janeiro.
- Garret, A. (n.d). *Seus olhos*. Disponível em: <https://www.citador.pt/poemas/seus-olhos-almeida-garrett>
- Lakoff, G & Johnson, M. (1979) *Metáforas da Vida Quotidiana*. Mercado de Letras.

- Metan, A. B. (2005). *Cartas da terra dos malais*. Edição de SUL- Associação de Cooperação para Desenvolvimento Apartado 263 EC- 3811. Aveiro Portugal Oliveira, B. (2021). *Dicionáriu Espresaun Populár Dalen Tetun nian*. Editora Livro & Companhia. Díli.
- Queirós, E. (2000). *Os Maias*. Edição “Livros do Brasil” Lisboa.
- Simões G. A. (2000) *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Publicações Dom Quixote, Lda. Lisboa-Portugal.
- Taveira C. A. (2016). *Trabalho Final, Corporificação em Tétum – Uma análise de ‘olhos’*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Thurow, A. (2014). *Corpo é Uma Máquina Social – Metáforas Conceptuais no Discurso de Universitários*. Universidade Católica de Pelotas.
- Timorense, S. (2022). *Viagem a Tasi-Tolu. (Poemas em comemoração dos 20 anos da Independência)*. Edição bilingue. Livros & Companhia. Díli.
- Vilela, M. (2002). *Metáforas do Nosso Tempo*. Almedina. Coimbra.

Direitos Autorais (c) 2024 Benvinda Lemos da Rosa Oliveira



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#)

[Textocompletodalicença](#)